

Afeganistão: síntese histórica, resistência e humilhação de impérios

Afghanistan: historical summary, resistance and humiliation of empires

Antônio Celso Alves Pereira¹

¹Professor do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Veiga de Almeida.

RESUMO: O presente texto pretende discutir a criação e a sobrevivência soberana do Afeganistão moderno/contemporâneo, detalhar os acontecimentos históricos, militares, religiosos, econômicos e geopolíticos que antecederam às fracassadas tentativas de dominação do País pelo Império Britânico (1887-1919), pela União Soviética (1979-1989), e pelos Estados Unidos da América e seus aliados da OTAN (2001-2021).

Palavras-chave: Afeganistão; Império Britânico; União Soviética; Estados Unidos da América; Talibãs.

ABSTRACT: This text intends to discuss the creation and sovereign survival of modern/contemporary Afghanistan, detailing the historical, military, religious, economic and geopolitical events that preceded the failed attempts at domination of the country by the British Empire (1887-1919), by the Soviet Union (1979-1989), and by the United States of America and its NATO allies (2001-2021).

Keywords: Afghanistan; British Empire; Soviet Union; USA; Taliban.

1 INTRODUÇÃO

Projeta-se, no correr do presente trabalho, discutir a criação e a sobrevivência soberana do Afeganistão moderno/contemporâneo e, nessa direção, detalhar os acontecimentos históricos, culturais, econômicos e geopolíticos no âmbito dos quais ocorreram as fracassadas tentativas de dominação do País pelo Império Britânico (1887-1919), pela União Soviética (1979-1989), e pelos Estados Unidos da América e seus aliados da OTAN (2001-2021).

A história da República Islâmica do Afeganistão compreende uma narrativa marcada por lutas tribais, guerras civis, sangrentos golpes de Estado e, sobretudo, por invasões e tentativas frustradas de colonização, satelitização, enfim, de domínio permanente do País por potências estrangeiras. Nesse sentido, é notável, no decorrer dos séculos, a capacidade de resistência do povo afegão na defesa do seu território, de sua soberania, e de suas tradições tribais milenares. Apontado por historiadores como “cemitério de impérios”, o Afeganistão, conjugando suas rudes condições topográficas e climáticas com a histórica disposição do seu povo para lutar contra as adversidades, conseguiu livrar-se, com tropas irregulares e em condições de combate assimétricas, de todos os poderosos Estados que tentaram conquistá-lo, mantê-lo como protetorado ou controlá-lo de qualquer forma, em razão de seu território constituir-se, sob o ponto de vista geoestratégico, em peça chave para o domínio da Ásia Central. Os Impérios Persa, Macedônio, Mongol, Russo, Britânico, Soviético e, nos últimos vinte anos, a República Imperial dos Estados Unidos da América,¹ invadiram o território afegão, venceram batalhas, levaram sofrimento e destruição ao País, porém, jamais conseguiram permanentemente subjugar-lo. A atual população do Afeganistão é composta pela maioria pachtun ou pashtun, etnia que compreende cerca de 40% dos habitantes. Outros grupos étnicos – tadjiques, hazaras, uzbeques, turcomenos e aimaks – completam o quadro demográfico afegão. Entretanto, em razão da situação geográfica do País, ou seja, por constituir-se em corredor migratório na Eurásia, a miscigenação é fator a ser levado em conta na formação da população, que está calculada em 38 milhões de habitantes, dos quais, em matéria religiosa, 99% são muçulmanos – 80% seguem a corrente islâmica sunita, 19% compreendem adeptos do xiismo – e 1% divide-se entre cristãos, budistas, sikhs, hindus e pársis. A islamização do Afeganistão foi um longo processo. Teve início, em 651, com a invasão do País pelo Império Árabe Abássida, e somente concluída no século XIII.

¹ Título do livro de autoria de Raymond Aron sobre a transformação dos Estados Unidos em potência global. Ver, do autor, *República Imperial – Os Estados Unidos no Mundo do Pós-Guerra*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

Os idiomas dominantes no Afeganistão são o pachto e o dari ou persa afegão. Deve-se salientar o fato de que, além das línguas oficiais das outras etnias que congregam a população afegã, quarenta outras línguas e duzentos dialetos são falados no País. A estrutura tribal, guerras civis e as históricas lutas contra a dominação estrangeira, tudo isso, aliado às realidades étnico-culturais do País, não permitiram ao Afeganistão, no correr de sua história, construir um Estado com real monopólio legítimo da força física sobre todo o seu território, assim como empreender políticas públicas modernizadoras, continuadas e efetivas. “As tribos que compõem esse caleidoscópio de etnias da Ásia Central continuam vivendo basicamente como há milênios”.² Situado na parte central da Eurásia, sem acesso ao mar, o território do Emirado Islâmico do Afeganistão³ é assinalado por grandes montanhas na região central, planícies ao norte e nordeste e desertos na fronteira sul. Ao se limitar, ao norte, com o Uzbequistão, o Turcomenistão e o Tajiquistão, Estados que faziam parte da extinta União Soviética, a oeste com o Irã, ao sul e a leste com o Paquistão – esta a sua mais extensa linha fronteiriça – e, no nordeste, com a China, pelo chamado Corredor de Wakhan, o território do Afeganistão revela grande importância geoestratégica, na medida em que liga a Ásia Central ao subcontinente indiano e ao Oriente Médio, além de constituir-se, desde tempos imemoriais, como importante rota do comércio asiático. Ainda sob o aspecto geográfico, vale acrescentar a relevância histórica e militar da cordilheira *Hindu Kush*, que na Antiguidade era conhecida como *Cáucaso das Índias*, e percorre o território afegão de leste a oeste.

Na cordilheira *Spin Ghar Range*, cujo cume demarca a fronteira do Afeganistão com o Paquistão, está o sinuoso *Passo Khyber* ou *Passo Khaibar*, com 58 km de comprimento, acidente geográfico de suma importância histórica e militar na Ásia Central, por constituir-se em caminho para o subcontinente indiano e via comercial desde os tempos iniciais da Rota da Seda. Essa cordilheira possui um conjunto de cavernas utilizadas secularmente como refúgio, depósitos de víveres e armamentos por tropas irregulares do País. Nesse agregado de cavernas destaca-se Tora Bora (caverna negra, no idioma pachto), local que foi teatro de operações militares dos Estados Unidos em sua guerra contra o Talibã.

Em 330 a. C., Alexandre, o Grande (323-356 a. C.), no andamento de seu projeto de conquistar o mundo então conhecido, ocupou o Afeganistão com o objetivo de alcançar a Índia pelas passagens existentes nas montanhas da cordilheira *Hindu Kush*. A Índia, à época, era

² CARRANCA, Adriana. *O Afeganistão depois do Talibã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 9.

³ Após a retomada do poder pelo Talibã, em 15 de agosto de 2021, o País foi renomeado Emirado Islâmico do Afeganistão.

indicada como ponto final do mundo. Em 325 a. C. ele cruzou o *Hindu Kush* com um exército de 150 mil homens e invadiu a Índia. Nos territórios que conquistou, Alexandre fundou cerca de vinte cidades às quais deu seu nome. No Afeganistão ele criou, por exemplo, *Alexandria no Cáucaso*, hoje Bagram, em 329 a. C., situada na encosta sul da *Hindu Kush* e *Alexandria Arachosia*, atual Kandahar, em 330 a. C., que é a segunda cidade mais importante do País, depois da atual capital, Cabul.

A grande instabilidade política, os conflitos sociais gerados pelos confrontos tribais, guerras civis e as invasões estrangeiras têm, historicamente, impedido o desenvolvimento da economia afegã, que está centrada no setor primário – agricultura, pecuária, e mineração, com 70% da população economicamente ativa neste setor. Em 2010, engenheiros norte-americanos, com base em mapas geológicos deixados no Afeganistão pelos soviéticos, descobriam enormes reservas de lítio, cobre e de outros minerais, como ouro e nióbio. As reservas de lítio seriam comparáveis com as existentes na Bolívia, que são apontadas como as maiores do mundo. Entretanto, o Estado afegão não dispõe de condições técnicas, financeiras e administrativas para ampliar a exploração e exportação de minérios. Nos últimos anos da ocupação norte-americana, com a entrada de investimentos estrangeiros no País, após a queda do Talibã, em 2001, o setor terciário da economia avançou consideravelmente. Entretanto, o Afeganistão figura entre os mais pobres Estados do mundo, apresentando PIB de 16 bilhões de dólares e PIB *per capita* de 499 dólares, Índice de Desenvolvimento Humano de 0,511 – 169º no *ranking* mundial entre 189 países, em 2020, conforme o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD.⁴ Outra realidade que não pode ser ignorada é a dimensão da economia paralela resultante, entre outros fatores, do contrabando de drogas e de minerais, principalmente lápis-lazúli, praticado pelos talibãs, por grupos tribais e pelos “senhores da guerra” provinciais.⁵ O Afeganistão é o maior produtor mundial de ópio e de haxixe, conforme releva o Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crimes – UNODC.⁶

⁴ *United Nations Development Programme. Human Development Reports – Afghanistan* – Disponível em: <http://hdr.undp.org/en/composite/HDI> - Acesso em 08 maio 2021.

⁵ Segundo FRANKOPAN, Peter, em *As Novas Rotas da Seda - O presente e o futuro do Mundo*, tradução de Frederico Pedreira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2019, p. 75-76, “pelo menos metade do total das receitas provenientes das minas de lápis-lazúli foram parar nos bolsos dos Talibãs, soma essa que deve ser avaliada em milhões, se não mesmo dezenas de milhões de dólares”.

⁶ *Produção recorde de ópio no Afeganistão ameaça o desenvolvimento sustentável – ONU NEWS* – Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2018/05/1623982> Acesso em: 08 maio 2021. Sobre o mesmo assunto, ver FRANKOPAN, Peter. *As Novas Rotas da Seda*, p. 21-22.

2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS, CULTURAIS E GEOPOLÍTICOS: CRIAÇÃO E SOBREVIVÊNCIA DO AFGANISTÃO MODERNO/CONTEMPORÂNEO

O moderno Estado afegão foi criado por Ahmad Schah Durrani (1722-1772), competente comandante militar e poeta, chamado *Pai da Pátria* pelos afegãos. Ele confederou as tribos da etnia pachtun e, com isso, fundou o Império Durrani ou Império Afegão, em 1747, Estado que em seu período áureo incluía, além do território que hoje conforma o Afeganistão, o nordeste do Irã, o noroeste da Índia e a Caxemira. Após a morte de Ahmad Schah Durrani, em 1772, seus herdeiros não foram capazes de manter o seu legado. Convulsionado pelas dissensões tribais e ameaçado pela expansão dos Impérios coloniais europeus na Ásia Central no século XIX, o Império Afegão entrou em processo de desintegração e perdeu as principais conquistas territoriais que Ahmad Schah Durrani anexara ao País. Após anos de grande instabilidade, violência e fragmentação territorial, em 1823, Dost Mohammad Khan (1793-1863), reunificou as tribos pachtuns, fundou a dinastia Barakzai, reorganizou o Estado e entronizou-se como Emir do Afeganistão. Seus descendentes governaram o País até o golpe que levou os comunistas ao poder, em 1978.

Durante o século XIX, os Impérios Russo e Britânico intensificaram a competição política, diplomática e militar pelo predomínio na Ásia Central. Os britânicos pretendiam dominar a região para proteger seu Império na Índia. Os russos, por sua vez, desejavam expandir seu poder na região para garantir-lhes o acesso ao Oceano Índico. Essa disputa somente se encerraria em 1907, ocasião em que a Rússia, o Reino Unido e a França formaram a *Tríplice Entente*, em contraposição à *Tríplice Aliança* acordada, em 1892, entre a Alemanha, a Áustria e a Itália, no cenário do sistema europeu de equilíbrio de poderes.⁷ A disputa entre russos e britânicos na Ásia Central ficou historicamente conhecida como o “Grande Jogo”, expressão criada por Arthur Conolly (1804-1842), oficial de cavalaria do Reino Unido, espião e escritor, que servia na Ásia Central a serviço da Companhia Britânica das Índias Ocidentais e popularizada por Rudyard Kipling (1865-1936), em seu livro *Kin*, publicado em 1901,

No quadro geopolítico do “Grande Jogo”,⁸ o Afeganistão sofreu duas invasões

⁷ Em 1914, a Itália retirou-se da Tríplice Aliança, aderiu à *Tríplice Entente* e declarou guerra ao Império Austro-Húngaro.

⁸ Ver PEREIRA, João Eduardo de Alves. *Geopolítica e direito internacional no século XXI*. In: DIREITO, Carlos A. Menezes; TRINDADE, Antônio A. Cançado; PEREIRA, Antônio Celso Alves. *Novas Perspectivas do Direito*

britânicas: a primeira, entre 1839-1842, se deu em razão da negativa do governo afegão de expulsar uma delegação oficial russa que visitava Cabul e que, provavelmente, negociava algum tipo de acordo com os afegãos. Tropas do governo britânico na Índia invadiram o País, porém, em 1842, foram obrigadas a se retirar sem obter vitória. Em 1878, nova Guerra Anglo-Afegã. Desta feita, tropas da Índia Britânica entraram no País para forçar o governo afegão a interromper as estreitas relações que mantinha com o Império Russo. Os britânicos destituíram o governo afegão, instalaram um novo monarca, Abdur Rahman Khan (1844-1901), que foi recrutado na dinastia reinante, e transformaram o País em protetorado britânico, em 1880. Em 1893, forçaram o governo afegão a aceitar a chamada Linha Durand⁹ como limite com o Paquistão, que, naquela altura, era parte, juntamente com a Índia e o Paquistão Oriental, hoje Bangladesh, do Raj Britânico ou Índia Britânica. Esse fato constituiu um contencioso fronteiriço entre o Afeganistão e o Paquistão, que permanece até hoje. O principal objetivo do Reino Unido, ao demarcar o território afegão, era transformar o Afeganistão em Estado-tampão entre o Raj Britânico e o Império Russo. Desse modo, qualquer iniciativa militar do Império Russo em direção a Índia seria enfrentada em território afegão. Uma terceira guerra Anglo-Afegã ocorreu entre 03 de maio de 1919 e 08 de agosto do mesmo ano e deu-se em consequência da guerra de 1878-1880. Na instável política interna afegã, em 1919, Amanullah Khan (1892-1960), político reformador, que gozava de enorme popularidade, apoiado pela grande maioria das tribos, subiu ao trono sucedendo ao pai, Emir Habibullah Khan (1872-1919), político de ideias modernas, que governou o Afeganistão de 1901 a 1919, e foi assassinado quando se dirigia para uma caçada. Logo que se entronizou como Emir do Afeganistão, Amanullah Khan, aproveitando-se das dificuldades que o Reino Unido enfrentava, em consequência da Primeira Guerra Mundial, ordenou um ataque surpresa à Índia Britânica, no dia 03 de maio de 1919, e proclamou o fim do protetorado instituído em 1880, portanto, a total independência da Inglaterra. Embora rechassem a invasão, os britânicos não tinham, naquele momento, condições para continuar a guerra e acabaram assinando um tratado de paz, em 8 agosto de 1919. Embora vitoriosos, os negociadores afegãos não conseguiram anular a Linha Durand. Em seguida, Amanullah Khan iniciou uma série de reformas sociais, políticas e econômicas

Internacional Contemporâneo – Estudos em homenagem ao Professor Celso D. de Albuquerque Mello. Rio de Janeiro: Renovar, 2008, p. 867-886.

⁹ A linha que ainda hoje demarca a fronteira entre o Afeganistão e o Paquistão, consequência da Segunda Guerra Anglo-Afegã, 1878-1892, resultou do acordo forçado pelos ingleses e celebrado pelo Secretário para os Assuntos Estrangeiros do Raj Britânico, Sir Mortimer Durand, com o Emir do Afeganistão, em 1893. Desde que se tornou independente, em 1947, o Paquistão jamais aceitou rever a Linha Durand.

modernizadoras. Mantendo excelentes relações com os soviéticos, criou a Força Aérea Afegã. Moscou forneceu-lhe equipamentos e formou os pilotos. Em 1923, transformou o Emirado em Reino e proclamou-se rei. Em 1928, o monarca, ao retornar de viagem à Europa, resolveu acelerar as reformas, entre as quais as que projetavam educação e emancipação das mulheres. Lideranças tribais e religiosas ultraconservadoras reagiram e organizaram forte oposição ao governo. Amanullah Khan não conseguiu dominar a rebelião. Sem alternativas, abdicou em favor de seu irmão mais velho e exilou-se na Europa. Contando com o apoio de forças conservadoras, um dos líderes da revolta, Habibullah Kalakani (1891-1929), tomou Cabul e proclamou-se Emir do Afeganistão, como Habibullah II. Seu governo durou apenas nove meses. Em outro golpe de Estado, Mohammad Nadir Khan (1883-1933), primo do rei destronado, derrotou e executou Habibullah II e assumiu o trono do Afeganistão, em outubro de 1929. Nesse cenário de constante instabilidade política Mohammad Nadir Khan foi assassinado, em 1933, por um estudante, em uma cerimônia de diplomação acadêmica. Seu filho Mohammad Zahir Khan (1914-2007), aos 19 anos, o sucedeu. Em 1946, o País foi admitido como membro das Nações Unidas. Em 1964, Mohammad Zahir Khan promulgou uma Constituição de viés liberal. Criou-se um Parlamento bicameral, partidos políticos se organizaram, entre os quais o marxista Partido Democrático do Povo do Afeganistão – PDPA, cujos líderes mantinham estreitas relações com a União Soviética. Entretanto, no dia 17 de julho de 1973, estando o rei na Europa, em tratamento de saúde, ocorreu novo golpe de Estado no País. Desta feita, sem violência, foi desfechado por Mohammad Daoud Khan (1909-1978), líder do Partido Nacional Revolucionário, político progressista com boas relações com a União Soviética e com grupos da esquerda afegã. Era primo do rei e ex-primeiro-ministro. Na sequência ao golpe, Mohammad Daoud Khan aboliu a Monarquia, proclamou a República e promulgou, em 1977, uma nova Constituição. Contudo, tentou, sem sucesso, implantar reformas sociais e afastou-se da União Soviética para aproximar-se da Arábia Saudita e de outros Estados islâmicos, como o Irã, à época, governado pelo xá Mohammad Reza Pahlavi. Em 27 de abril de 1978, o Partido Democrático do Povo do Afeganistão PDPA, de ideologia marxista, derrubou o governo, com o apoio da Força Aérea do Afegã, cujo oficialato, como dito antes, se formara na União Soviética, assim como grande parte da oficialidade do Exército afegão. Este acontecimento passou a história como *Revolução de Saur*.¹⁰ Vale acrescentar que,

¹⁰ *Saur*, na língua dari ou persa afegão, denomina o segundo mês do calendário persa, que é adotado no Afeganistão.

desde 1947, a União Soviética prestava ajuda financeira e militar ao Afeganistão, portanto, exercia grande influência na vida do País. O presidente Daoud Khan foi assassinado juntamente com membros de sua família. O líder do PDPA e secretário-geral do partido, Nur Mohammad Taraki, assumiu o poder e renomeou o País como República Democrática do Afeganistão. Ele esteve à frente do Afeganistão até setembro de 1979, ocasião em que foi assassinado durante o golpe de Estado comandado pelo primeiro-ministro Hafizullah Amim (1929-1979), líder da facção extremista *Khalq* e secretário geral do Partido Democrático do Povo do Afeganistão. Uma vez no poder, Hafizullah Amim promoveu profundas reformas no País, sob a alegação de que era preciso eliminar a estrutura feudal das tribos e das províncias afegãs. Tentou secularizar o Estado, abriu às mulheres o direito de voto e de participação na vida política do País, revogou costumes sociais e leis tribais e religiosas seculares, como a obrigação das mulheres cobrirem-se com o xador. Além disso, promoveu uma reforma agrária e, com a ajuda financeira e técnica da União Soviética, iniciou um grande projeto de modernização da infraestrutura afegã. Um amplo acordo de assistência militar foi firmado com os soviéticos, em dezembro de 1978, consubstanciado no Tratado de Amizade Soviético-Afegão. O governo comunista, ao subverter a secular ordem social, política e religiosa do País, ao perseguir e matar milhares de opositores, ou possíveis opositores, provocou a organização de forte oposição ao regime e a eclosão da revolta sustentada pelos *mujahidins*,¹¹ que segundo Frankopan, compreendiam uma congregação heterogênea de combatentes mulçumanos, composta por líderes tribais e religiosos, grupos moderados, nacionalistas radicais, fundamentalistas, mercenários e oportunistas. “Eram também, ocasionalmente, rivais que competiam entre si, por recrutas, por dinheiro e armas fornecidas pela CIA, desde o início de 1980, contrabandeadas pelo Paquistão”.¹²

3 A INTERVENÇÃO DE FRACA COERÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS DURANTE A OCUPAÇÃO DO AFEGANISTÃO PELA UNIÃO SOVIÉTICA

Em plena Guerra Fria era fundamental para os interesses soviéticos na Ásia Central manter o controle do Afeganistão, que é fronteiro com três das então Repúblicas Socialistas

¹¹ “Santos guerreiros da liberdade, engajados em uma guerra de inspiração religiosos”. ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus – O Fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e nos Islamismo*. Tradução de Hidelgard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 417.

¹² FRANKOPAN, Peter. *O Coração do Mundo – Uma nova história universal a partir da Rota da Seda: o encontro do Oriente com o Ocidente*. São Paulo: Planeta, 2019, p. 522.

que compunham a URSS – Uzbequistão, Turcomenistão e o Tajiquistão. Em 14 de fevereiro de 1979, um grupo armado afegão que, até hoje, não se sabe qual fora a sua motivação, sequestrou o embaixador dos Estados Unidos no País, Adolph Dubs, e o levou para um hotel em Cabul. Na tentativa de resgatá-lo, as forças de segurança do Estado afegão, em conjunto com agentes da KGB, entraram em confronto com os sequestradores; no tiroteio que se seguiu, o diplomata americano foi morto. Este acontecimento agravou as relações entre os governos americano e afegão, que, por sinal, já andavam tensas desde a *Revolução de Saur*. Com o caos instalado no País, preocupados com a incapacidade do governo presidido por Hafizullah Amin de acabar com a revolta e, além disso, insatisfeitos com a possibilidade de Amin de aproximar-se dos Estados Unidos, os soviéticos decidiram eliminá-lo. Setecentos militares soviéticos, em 27 de dezembro de 1979, vestindo uniformes afegãos, invadiram o palácio presidencial e executaram o presidente Hafizullah Amin. Antes disso, a KGB havia tentado envenená-lo. Brabak Karmal, líder da facção *Parcham*¹³ do PDPA, foi empossado pelos soviéticos na presidência do País. Nesse mesmo dia, tropas soviéticas – 100 mil homens, 1.800 tanques e 2 mil veículos blindados – ocuparam o Afeganistão. A reação no Ocidente, bem como no mundo islâmico, foi imediata.¹⁴ O Conselho de Segurança da ONU aprovou resolução condenando a ocupação. Os insurgentes afegãos, que já lutavam contra o governo comunista, passaram a contar com o reforço de milhares *jihadistas*, oriundos de vários países muçulmanos, como chechenos e sauditas. Entre estes últimos, Osama Bin Laden (1957-2011) era o mais importante combatente estrangeiro da resistência afegã contra os soviéticos. A insurgência afegã recebeu financiamento, armas e treinamento, principalmente por parte dos Estados Unidos, Reino Unido e Arábia Saudita, como também do Irã¹⁵ e da China. Os combatentes muçulmanos no Afeganistão não tinham organização militar única, não dispunham de força aérea e, em sua maioria, estavam comandados por lideranças tribais ou por “senhores da guerra”, chefes regionais de verdadeiros exércitos particulares. A resistência aos invasores foi se intensificando gradualmente, apesar do poderio militar terrestre soviético e da utilização de sua Força Aérea no combate aos

¹³ O PDPA abrigava duas facções rivais: os chamados *Khalq*, (palavra que significa *massas*), que eram chefiados por Nur Mohammad Taraki e Hafizullah Amim, e os *Parcham*, (palavra que pode ser traduzida por *insígnia*) liderados por Babrak Karmal.

¹⁴ Os Estados Unidos, como forma de protesto contra a invasão soviética do Afeganistão, lideraram o boicote às Olimpíadas de Moscou de 1980. Foi seguido por 61 países. Era a lógica da Guerra Fria se manifestando no mais importante evento esportivo do mundo. O Brasil não aderiu ao boicote e participou com 109 atletas.

¹⁵ O Irã prestava pleno apoio aos *mujahidins* membros das milícias xiitas afegãs, que são compostas por combatentes *hazaras*, etnia que se afirma descendente dos soldados mongóis e do próprio Gengis Khan. O Império Mongol ocupou a região no século XIII.

insurgentes. Entretanto, por meios assimétricos de luta, os *mujahidins* foram infringindo sucessivas derrotas aos invasores, que, de fato, recebiam pouco auxílio das forças regulares do Afeganistão. Estas, segundo analistas da guerra, desertavam em massa, quando não se juntavam aos insurgentes. Em 1987, os soviéticos substituíram Brabak Karmal por Mohammad Najibullah (1947-1996) na presidência do Afeganistão. Contudo, sem condições de vencer, acumulando perdas humanas e materiais – 15 mil soviéticos mortos e bilhões de dólares que custearam a guerra –, em janeiro de 1989, os líderes soviéticos, pressionados pela crescente oposição interna à guerra, já sob o governo chefiado por Mikhail Gorbachev, retiraram suas tropas Afeganistão. No contexto da Guerra Fria, o fracasso da União Soviética na ocupação do Afeganistão representou um ganho muito importante para os Estados Unidos. O prestígio, a imagem e a apreciação do poder da então superpotência comunista, em todo o mundo, principalmente na Ásia Central, restaram inquestionavelmente abalados. De um modo geral, os historiadores da Guerra Fria apontam o insucesso soviético no Afeganistão, principalmente, o alto custo financeiro da guerra, que durou praticamente uma década, como uma das várias causas do colapso do Império Soviético. Para os Estados Unidos, no quadro da Guerra Fria, valeu a pena a intervenção de *fraca coerção*¹⁶ para ajudar a resistência afegã em sua luta contra a ocupação do seu País pelos soviéticos. A política norte-americana nessa direção se traduzira no envio de ajuda econômica e ampla assistência militar às lideranças da resistência afegã. Quando se deu a invasão soviética do Afeganistão, Jimmy Carter governava os Estados Unidos. Seu conselheiro para a segurança nacional, Zbigniew Brzezinski, concluiu que era o momento de impingir aos soviéticos todo o tipo de problemas e obrigá-los a gastos militares vultosos, enfim, transformar o Afeganistão em verdadeiro “atoleiro”, semelhante ao que fora o Vietnã para os Estados Unidos. Para isso, o governo norte-americano resolveu destinar forte ajuda econômica, armas e treinamento à resistência afegã, utilizando canais paquistaneses. O presidente Ronald Reagan ampliou a intervenção "para melhorar a eficácia militar da resistência

¹⁶ Em seu conceito de intervenção, Joseph S. Nye, Jr. aponta que esta modalidade de interferência externa nos negócios e na vida política de um Estado soberano se efetiva em duas situações: as intervenções de *fraca coerção* e de *forte coerção*. No primeiro caso a ação ocorre por meio de ajuda econômica, envio de conselheiros militares, fornecimento de armas, espionagem, apoio à oposição, bloqueio, mensagens dirigidas à população e propaganda; o segundo caso se concretiza pela ação militar limitada, como bombardeio de instalações militares, ataques de mísseis e, por último, pela invasão militar. Assim, diz Nye, Jr.: “A definição geral abrange todo o espectro de comportamento, de não muito coercitivo e fortemente coercitivo. O grau de coerção envolvido numa intervenção é importante, porque está relacionado com o grau de escolha que os habitantes locais possuem e, por conseguinte, com o grau de restrição externa da autonomia local”. Ver do autor, *Compreender os Conflitos Internacionais - Uma Introdução à Teoria e à História*. Tradução de Tiago Araújo. Lisboa: Gradiva, 2002, p. 187-188.

afegã”¹⁷ e, assim, forneceu, por exemplo, a “cinquenta comandantes taxas de prestação de serviços entre 20 e 100 mil dólares por mês, dependendo de resultados e de *status*”.¹⁸ Um dos fatores militares mais importantes nessa matéria foi o provimento aos *mujahidins* de mísseis norte-americanos terra-ar, portáteis, guiados por infravermelho, FIM-92 *Stinger*, em 1986, armas que mudaram os rumos da guerra. Como a resistência afegã não tinha força aérea, suas forças terrestres sofriam com os ataques do grupamento da Força Aérea Soviética, que utilizava os jatos SU-25 (Sukhoi) e os helicópteros de ataque MI-24 (chamados popularmente blindados voadores e carruagem do diabo). Os mísseis norte-americanos paralisaram a ofensiva do grupamento aéreo soviético. Nos dez anos de guerra, os soviéticos arrasaram vilas e cidades e praticaram todos os tipos de crimes contra a população civil. Foram responsáveis pela morte de mais de 1,5 milhão de afegãos. Tiveram de fazer humilhante acordo com os *mujahidins* para não sofrerem emboscadas na retirada. Porém, continuaram a prestar auxílio financeiro e assistência militar ao governo comunista afegão. Com a saída dos soviéticos e o prosseguimento da insurgência, o conflito transformou-se em guerra civil, fato que causou o fim do governo de presidente Mohammad Najibullah, em 1992. Dessa forma, acirrou-se a luta pelo poder entre os vitoriosos membros da resistência aos invasores soviéticos, conflito que se estenderia até 2001, e se desdobraria em duas fases: de 1992 a 1996 e, desta data, a 2001. Em 1994, organizou-se nas escolas (madrassas) das mesquitas wahabistas do Paquistão, principalmente em Peshawar, o grupo sunita fundamentalista Talibã (em urdu, idioma falado nas regiões urbanas do Afeganistão, *talibã* significa estudante) formado por jovens estudantes nacionalistas afegãos da etnia pachtun, filiados ao Movimento Filosófico Deobandi,¹⁹ aos quais, posteriormente, se juntaram combatentes oriundos de outros Estados muçulmanos. Os militantes talibãs, com o apoio do principal Serviço de Inteligência do Paquistão, o *Inter-Service Intelligence – ISI*, e da própria *CIA*, quando se organizaram como movimento político-religioso, receberam treinamento militar e armas, situação que lhes permitiu crescer rapidamente e tornarem-se o principal grupo combatente na segunda etapa da Guerra Civil afegã. Em 1996, após tomar Cabul, o Talibã passou a dominar 90% do território do País e estabeleceu o Emirado Islâmico do Afeganistão, cujo governo, presidido pelo chefe do Conselho Supremo do Afeganistão,

¹⁷ *Decisão normativa de Segurança Nacional 166*, firmada pelo presidente Ronald Reagan, citada por FRANKOPAN, *O Coração do Mundo*, op. cit. p. 523.

¹⁸ *Ibidem*, p. 524

¹⁹ O Movimento Filosófico Deobandi é uma corrente extremamente intolerante do sunismo, originário da Índia, imbricado com o wahabismo, que tem como centralidade combater possíveis influências de outras religiões ou de correntes filosóficas externas no mundo muçulmano.

Mohammad Omar, o Mulá Omar (1960-2013), foi reconhecido apenas pela Arábia Saudita, Paquistão e Emirados Árabes Unidos. O Talibã impôs ao Afeganistão um regime ultraconservador, extremamente violento e intolerante, fechou escolas para mulheres, exigiu-lhes o uso da burca, perseguiu e segregou afegãos xiitas e demais minorias, enfim, cometeu as mais graves violações dos direitos humanos e estabeleceu o terror no País. Contudo, a guerra civil continuou até 2001. Em março de 2001, os talibãs destruíram duas enormes estátuas de Buda – a maior tinha 53 metros de altura – que estavam no Vale de Bamiyan há 1.500 anos, fato que gerou protestos em todo o mundo, pela importância histórica e cultural dos monumentos, que estavam inscritos na UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade. O presidente deposto pelo Talibã, Burhanuddin Rabbani (1940-2011),²⁰ que governou o Afeganistão de 1992 a 1996, refugiou-se no norte do País e, em seguida, juntamente com Ahmad Schah Massoud e Abdul Rashid Dostum, organizou a Aliança do Norte ou Frente Islâmica para a Salvação do Afeganistão, para combater o Talibã. Em 2001, quando se deu a invasão norte-americana, a Aliança do Norte controlava 10% do território afegão.

4 OS VINTE ANOS DE GUERRA DOS ESTADOS UNIDOS E SEUS ALIADOS CONTRA O TALIBÃ

No dia 29 de fevereiro de 2020, o embaixador Zalmay Khalilzad, representante especial norte-americano nas negociações para a reconciliação com o Afeganistão, firmou, com o líder político e cofundador da corrente fundamentalista islâmica Talibã, Mulá Abdul Ghani Baradar, o acordo negociado no Catar, durante dezoito meses, para encerrar o mais longo conflito armado da história dos Estados Unidos. Essa guerra foi iniciada, em 07 de outubro de 2001, com a invasão do Afeganistão pelas tropas da aliança formada, inicialmente, pelos Estados Unidos e o Reino Unido, com apoio dos insurgentes afegãos da Aliança do Norte ou Frente Islâmica Unida para a Salvação do Afeganistão e, posteriormente, com outros países membros da OTAN. Antes de Biden, três presidentes norte-americanos, George Bush II, Barack Obama e Donald Trump comandaram a intervenção militar de *forte coerção*²¹ no Afeganistão. A previsão de retirada das tropas norte-americanas e de outros países da OTAN, fixada em 14 meses, a partir

²⁰ Burhanuddin Rabbani foi morto em 20 de setembro de 2011, em Cabul, vítima de atentado por homem-bomba. Ele estava encarregado pelo então presidente do Afeganistão, Hamid Karzai, de negociar um acordo de paz com o Talibã.

²¹ Ver nota nº 16.

da assinatura do acordo, foi modificada pelo presidente Biden. O novo governo dos Estados Unidos justificou o adiamento alegando que necessitava avaliar se, de fato, o Talibã cortara vínculos com quaisquer grupos terroristas islâmicos, assim como verificar o estado das negociações dos mesmos com o então governo afegão. Em consequência, a retirada final do contingente militar ocidental – 3 mil soldados – deveria estar concluída até 11 de setembro de 2021, portanto, 20 anos após os ataques terroristas da Al-Qaeda ao continente norte-americano.

Desse modo, sair do Afeganistão de forma negociada e devidamente programada, calcularam os norte-americanos, permitiria ao seu País livrar-se de uma guerra que não conseguiram vencer em 20 anos, consumiu trilhões de dólares e abateu milhares de vidas de ambos os lados e, além disso, permitiria, também, absorverem o fracasso militar de maneira menos humilhante do que a fora a retirada do Vietnã. Os acontecimentos no Afeganistão, a partir de da ofensiva do Talibã iniciada em 8 de agosto e concluída em uma semana, ou seja, 15 de agosto de 2021, demonstraram que a humilhação que temiam se repetiu, com a entrada tranquila dos talibãs em Cabul e o caos que se instalou no aeroporto da cidade, que ainda estava sob o controle das forças aliadas de ocupação, nos dias em que as tropas americanas retiravam-se do Afeganistão. Voltando à análise da guerra, os ataques terroristas de 11 de setembro foram apontados nos discursos oficiais norte-americanos como atos de guerra e comparados ao que sucedera em Pearl Harbor, com o ataque aéreo do Japão à Base Naval dos Estados Unidos no Havaí, em 07 de dezembro de 1941. Entretanto, só há aproximação entre estes dois importantes fatos históricos na surpresa do ataque. Sob o aspecto militar e político-jurídico, 11 de setembro fora “algo novo sob o sol”.²² Os atos de terrorismo praticados pela Al-Qaeda contra os Estados Unidos, como se discutirá a seguir, expressaram a culminância de um processo que teve início com a participação de Osama Bin Laden na resistência afegã à invasão do Afeganistão pela então União Soviética (1979-1989), na boa relação que ele, por um tempo, manteve com os Estados Unidos e com o rompimento dessa relação em decorrência de eventos que envolveram a Arábia Saudita e os Estados Unidos, por ocasião da Guerra do Golfo.

Como anteriormente mencionado, entre os comandantes da resistência aos soviéticos, beneficiados com amplos recursos financeiros e militares pelos Estados Unidos e Arábia Saudita, estava Osama Bin Laden (1957-2011), muçulmano saudita, oriundo de família riquíssima, ligada por interesses empresariais à família real saudita e com negócios no mundo

²² TALBOTT, Strobe e CHANDA, Nayan, na Introdução à coletânea *A Era do Terror – O Mundo depois de 11 de Setembro*. Tradução de Cristiana Serra. Rio de Janeiro: Campus, 2002, p.10.

árabe e no Ocidente. Em 1976, Bin Laden estudava economia e administração na Universidade de Jidá ou Jeddá, capital comercial da Arábia Saudita. Foi aí que ele, em contato com membros da Irmandade Muçulmana, radicalizou sua visão político-religiosa alicerçada no fundamentalismo wahabita e no *jihadismo* salafista, correntes ortodoxas, puritanas, ultraconservadoras e internacionalistas do sunismo, que pregam o retorno às ideias de pureza doutrinária dos tempos iniciais do Islã e combatem o secularismo. O salafismo, criado no século XIX, e difundido por intelectuais da tradicional Universidade de Al-Azhar, do Cairo, instituição criada como escola de teologia (*madrassa*), em 988, no Egito, tem como um dos seus objetivos combater a ingerência ocidental no mundo islâmico. No século XX o salafismo foi adotado pela Irmandade Muçulmana, fundada no Egito, em 1928, por Hassan al-Banna (1906-1949), organização que, em 1980, assassinou o presidente egípcio Anwar al-Sadat. Em 1988, um ano antes da retirada das tropas da União Soviética do Afeganistão, Osama Bin Laden fundou a Al-Qaeda (A Base, em árabe), juntamente com Abu Ubaydah al-Banshiri (1950-1996), policial egípcio, e com outros membros da resistência afegã. Após a retirada soviética do Afeganistão, Bin Laden retornou à Arábia Saudita. Em 1991, no contexto da Guerra do Golfo, por não concordar com a presença de contingentes militares norte-americanos no território saudita, fato que para ele representava, à luz do seu pensamento wahabita, verdadeira profanação, uma vez que o Estado saudita é o guardião dos lugares sagrados do Islã, ou seja, a Grande Mesquita de Meca e a Mesquita do Profeta, em Medina, Bin Laden rompeu com a família real saudita e com os Estados muçulmanos, que faziam parte da coalizão comandada pelos Estados Unidos e destinada a recuperar a soberania do Kuwait. Sem condições para continuar em seu País natal, mudou-se para o Sudão, em 1994. Em 1995, terroristas ligados a Bin Laden tentaram matar o presidente egípcio Hosni Mubarak. Sob pressão dos Estados Unidos e de governos muçulmanos, o Sudão foi obrigado a expulsá-lo, em 1996. Despojado de seus bens, que foram confiscados pelo governo sudanês, sua única alternativa foi retornar ao Afeganistão, solicitar refúgio ao Talibã, que havia conquistado o poder em 1996. Sob a proteção dos novos governantes afegãos, Bin Laden expandiu sua rede terrorista com a incorporação à Al-Qaeda do grupo terrorista comandado pelo médico egípcio, Ayman al-Zawahiri, a Jihad Islâmica Egípcia, responsável pelo assassinato, em 17 de novembro de 1997, de 60 turistas que visitavam um templo, em Luxor, no Egito. Em 1995, ainda no Sudão, Osama Bin Laden inicia sua *jihad* contra os Estados Unidos, com o ataque, no dia 13 de junho, ao edifício da Guarda Nacional Saudita, que resultou na morte de cinco militares norte-americanos. No ano seguinte, em 25 de

junho, um caminhão-bomba da Al-Qaeda destruiu a Base norte-americana de Jobar, na Arábia Saudita, deixando 19 americanos mortos e 386 feridos. Em um só dia, 07 de agosto de 1998, a Al-Qaeda explodiu, com uma diferença de 10 minutos, carros-bomba junto à entrada das embaixadas dos Estados Unidos em Nairóbi – 10h35 e em Dar es-Salam – 10h45. Foram mortas nos dois atentado 229 pessoas, entre estas 19 norte-americanos, e mais de 4 mil ficaram feridas. Em 20 de agosto de 1998, o presidente Clinton, em represália, ordenou um ataque com mísseis de cruzeiro a campos de treinamento da Al-Qaeda no Afeganistão, fato que destruiu, de vez, as relações dos Estados Unidos com o governo talibã. Vale salientar o fato de que, logo que tomaram conhecimento da presença de Bin Laden no Afeganistão, os norte-americanos iniciaram conversações com o governo afegão no sentido de obterem a extradição do terrorista. Nesse mesmo sentido, o Conselho de Segurança da ONU aprovou a Resolução 1.267, que além de exigir a entrega de Bin Laden aos Estados Unidos para ser julgado, impôs uma série de sanções financeiras ao governo afegão chefiado pelo Mulá Mohammed Omar (1960-2013). Os Talibãs, alegando que Osama Bin Laden estava no Afeganistão na condição de refugiado, negaram-se a cumprir a Resolução.²³ Assim, no cumprimento de sua *fatwa*²⁴ declarando guerra aos Estados Unidos, ou seja, conclamando e autorizando muçulmanos de todo o mundo a matar “cruzados” e judeus, em qualquer local em que estes se encontrassem, protegido pelos talibãs, Bin Laden ordenou os dois últimos atentados contra os Estados Unidos, que precederam à declaração de guerra do presidente George Bush ao Talibã: o atentado suicida contra o destróier *US Cole* da Marinha americana, que estava fundeado em Aden, no Iêmen, em 12 de outubro de 2000, no qual morreram 17 marinheiros e outros 39 restaram feridos e, em seguida, o maior de seus feitos criminosos: os ataques de 11 de setembro de 2001, que chocaram o mundo pela ousadia, pela morte de 2.996 pessoas, inclusive 19 terroristas, e a ocorrência de 6.291 feridos. É surpreendente como foi possível acontecer semelhante agressão à maior potência militar do mundo, ao próprio continente norte-americano,²⁵ que apesar de todo seu poder, de possuir

²³ Discutindo o tema, FRANKOPAN, em *O Coração do Mundo*, p. 541, informa que o mulá Omar, após a violação da soberania afegã por meio do lançamento de 78 mísseis contra supostas bases de treinamento de terroristas da Al-Qaeda em seu País, teria informado aos Estados Unidos o seguinte: “o Talibã jamais entregará Bin Laden a ninguém e irá protegê-lo com nosso sangue a todo custo”.

²⁴ Espécie de édito prescrito por especialista em lei islâmica.

²⁵ Em 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos sofreram o terceiro ataque ao seu território continental, desde a Independência. O primeiro se deu em 1812, quando tropas britânicas, na chamada Segunda Guerra de Independência dos Estados Unidos, entraram em Washington e incendiaram a Casa Branca, o edifício do Tesouro e estaleiros da Marinha de Guerra. O segundo ataque foi perpetrado pelo revolucionário mexicano Pancho Villa, que, em março de 1916, com algumas centenas de homens, reagindo ao apoio que o governo norte-americano emprestava ao presidente mexicano Venustiano Carranza, seu inimigo, invadiu o Estado norte-americano do Novo México e tomou um forte da Cavalaria dos Estados Unidos, situado nas proximidades da pequena cidade de

serviços de inteligência apontados como implacáveis e eficientes, não foi capaz de detectar o movimento dos terroristas em seu território. Os *jihadistas* da Al-Qaeda entraram normalmente no Estados Unidos, sequestraram e utilizaram, como armas, quatro aeronaves comerciais de companhias aéreas norte-americanas – duas da *American Airlines* e duas da *United Airlines* – para efetivar os atentados e impor verdadeira humilhação à superpotência. Os ataques, transmitidos em tempo real pelas estações de televisão norte-americanas para todo o mundo, além do impacto psicológico ao impelir o terror e a insegurança à população norte-americana, paralisar a Bolsa de Valores de Nova York até o dia 17 de setembro de 2001, e gerar prejuízos de bilhões de dólares, revestiram-se de grande significado simbólico ao derrubar as torres gêmeas do *World Trade Center*, em Nova York, expressão do poder civil e da pujança capitalista dos Estados Unidos, assim como ao destruir parte do edifício do Pentágono, o Departamento de Defesa da nação mais poderosa do mundo. Especula-se que, possivelmente, a quarta aeronave sequestrada, que cumpria o voo 93 da *United Airlines*, seria lançada contra a Casa Branca, para completar o simbolismo dos ataques.²⁶ Heroicamente, os 7 tripulantes e os 33 passageiros desse voo resistiram ao sequestro, derrubaram o avião nas proximidades de Shanksville, na Pensilvânia. Não houve sobreviventes.

Nove dias após os atentados, o presidente George Bush II, em pronunciamento no Congresso dos Estados Unidos, assegurava à Nação que os serviços de informação do País haviam concluído que um grupo de organizações terroristas, reunidas e coordenadas pela Al-Qaeda, sob a liderança de Osama Bin Laden, era responsável pelos ataques ao território americano, bem como às embaixadas dos Estados Unidos na Tanzânia e no Quênia”, e ao destróier *US Cole*, no Iêmen. E assim, considerando o apoio que a liderança da Al-Qaeda recebia do governo afegão, controlado pelo Talibã, movimento islâmico que além de reprimir seu próprio povo e ameaçar “pessoas em todos os lugares ao patrocinar, abrigar e fornecer terroristas”, George Bush comunicava que, naquele mesmo dia, 20 de setembro de 2001, os

Columbus, que foi por ele saqueada e incendiada. Em 1917, o presidente Woodrow Wilson, em represália, ordenou a invasão do México para caçar Pancho Villa. O general John Pershing, que seria no ano seguinte o comandante das forças americanas que decidiram, na França, a Primeira Guerra Mundial, entrou no México com 4.800 homens, para capturar Villa. Não conseguiu. Entre seus oficiais estava o jovem George S. Patton, que futuramente seria, como general, um dos principais comandantes americanos na Segunda Guerra Mundial.

²⁶ “Com o 11 de setembro, a potência mundial foi humilhada, pois os terroristas infligiram-lhe algo que ela não pode devolver. Todas as represálias não passam de um aparelho de retorsão física, enquanto ela foi derrotada simbolicamente”.²⁶ BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 61.

Estados Unidos fariam as seguintes exigências ao Talibã, asseverando que tais demandas não estariam sujeitas à negociações ou discussões:

Entregar às autoridades norte-americanas todos os líderes da Al-Qaeda que se escondem em seu território. [...] Fechar, imediatamente, e permanentemente todos os campos de treinamento de terroristas existentes no Afeganistão e entregar às autoridades competentes todos os terroristas e todas as pessoas que os apoiam. Dar aos Estados Unidos acesso total aos campos de treinamento terrorista para que se possa verificar se eles não estão mais em operação. [...] O Talibã deve agir imediatamente. Eles devem entregar os terroristas ou, então, compartilhar sua sina”.²⁷

E, no mesmo discurso, como advertência aos países que mantinham relações com o Talibã, principalmente o Paquistão, Bush afirmava: “Ou estão conosco ou estão com os terroristas. De hoje em diante, qualquer nação que continue a proteger ou sustentar terrorismo vai ser considerada pelos Estados Unidos como um regime hostil”. Ao afirmar que “em 11 de setembro inimigos da liberdade cometeram um ato de guerra contra nosso País”, Bush indicava, no ultimato, que o governo afegão sofreria as consequências, caso não cumprisse as exigências relativas à entrega dos terroristas. E, no mesmo tom, esclarecia:

Essa guerra não vai ser como a guerra contra o Iraque há uma década, com sua decisiva libertação de território e rápida conclusão. Não vai se assemelhar à guerra aérea em Kosovo há dois anos, onde tropas terrestres não foram usadas e nem um único americano foi perdido em combate. Nossa reação envolve muito mais do que retaliação e ataques isolados. Americanos não devem esperar uma batalha, mas sim uma campanha extensa, diferente de qualquer outra que nós já vemos. Ela pode incluir ataques dramáticos, visíveis na televisão e operações secretas, sigilosas até mesmo no sucesso. Nós vamos cortar o financiamento dos terroristas, jogar um contra o outro, fazê-los correr de um lugar para o outro até não haja mais refúgio ou descanso. ²⁸

Em setembro de 2001, os Emirados Árabes Unidos retiraram o reconhecimento do governo talibã, no que foram logo seguidos pela Arábia Saudita, restando, entre todos os Estados do mundo, apenas o reconhecimento por parte do Paquistão. Em cumprimento do ultimato acima apontado, em 14 de setembro de 2001, o Departamento de Estado enviou memorando ao governo afegão exigindo a entrega de todos os terroristas da Al-Qaeda, que se encontravam no País. Em 21 de setembro o governo talibã informava que não cumpriria as imposições norte-americanas, pois não havia provas da responsabilidade de Bin Laden nos trágicos eventos de

²⁷ O inteiro teor do discurso do presidente George Bush (II) está disponível em: Folha de São Paulo, edição de 21/09/2001. [Folha Online - Mundo - Leia na íntegra o discurso de Bush no Congresso dos EUA - 21/09/2001 \(uol.com.br\)](http://www.folha.com.br) Acesso em 08 jun 2021.

²⁸ Ibidem

11 de setembro e que, no caso de uma invasão americana, estes seriam derrotados. Segundo Bernard Lewis, Bin Laden passara aos seus terroristas e ao Talibã a certeza de que, mais uma vez, uma grande potência sairia derrotada do Afeganistão. Como “havia tirado os russos do Afeganistão, numa derrota tão esmagadora que levou diretamente ao colapso da União Soviética, [...] o superpoder que sempre haviam visto como o mais temível,” haveriam de vencer os Estados Unidos, considerado por ele “um tigre de papel”.²⁹ Em 14 de setembro, o Congresso dos Estados Unidos aprovou a utilização de força militar no combate ao terrorismo, ou seja, a *Guerra ao Terror*. Assim, no dia 07 de outubro de 2001, em discurso à Nação, pronunciado no Salão de Tratados da Casa Branca, o presidente Bush comunicou que havia ordenado a invasão do Afeganistão pela Operação *Enduring Freedom - OEF* – Liberdade Duradoura,³⁰ cujo objetivo era capturar Bin Laden, destruir todas as células terroristas localizadas no território afegão e derrubar o governo do Talibã. A guerra começou com o ataque pelas Forças Aéreas dos Estados Unidos e do Reino Unido, por meio de bombardeiros *B-1 e B-2 Spirit*, *B-52 Stratofortress*, caças *F-14 Tomcat e F/A-18 Hornet*, helicópteros de ataque *Apache* da 101ª Brigada de Combate e lançamento de mísseis de cruzeiro *Tomahawk* pelas Marinhas de Guerra norte-americana e britânica, cujas belonaves estavam fundeadas no Golfo de Omã. A invasão contou, inicialmente, com 28.300 militares norte-americanos, britânicos, canadenses e australianos, e com tropas da Aliança do Norte, composta por combatentes afegãos antitalibã. As forças terrestres foram apoiadas pelas Equipes de Controle de Combate da Força Aérea dos Estados Unidos, unidades especiais que cumprem papel decisivo na comunicação entre forças terrestres e aéreas, direcionam ataques aéreos, prestam apoio e controlam o tráfego aéreo.³¹ O ataque se deu sem a prévia autorização das Nações Unidas. Porém, buscando justificar e juridicamente legitimar a ação militar no Afeganistão, o governo norte-americano evocou o direito de legítima defesa nos termos do artigo 51 da Carta das Nações Unidas. Vale destacar o fato de que está expresso no texto do referido artigo que o Estado pode arguir o direito inerente à legítima defesa individual ou coletiva, “no caso de ocorrer um *ataque armado* (grifo nosso) contra um membro das Nações Unidas, até que o Conselho de Segurança tenha tomado as medidas necessárias para a manutenção da paz e da

²⁹ LEWIS, Bernard. *A Crise do Islã – Guerra Santa e Terror Profano*. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2004, p. 147.

³⁰ A *Operação Liberdade Duradoura* foi organizada para combater o terrorismo internacional, ou seja, a Guerra Global contra o Terror. Além do Afeganistão estendeu sua ação às Filipinas, Somália, Geórgia, ao Quirguistão e ao Magreb.

³¹ *Operation Enduring Freedom*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Operation_Enduring_Freedom. Acesso em 23 jun 2021.

segurança internacionais”.³² Ante o exposto, surgiu, à época, o seguinte questionamento: uma ação terrorista, perpetrada por uma organização não estatal, pode ser considerada *ataque armado*, segundo a letra do artigo 51? A própria ONU, considerando o apoio incondicional que Osama bin Laden e a organização terrorista por ele fundada, Al-Qaeda recebiam do governo talibã, ao editar a Resolução 1.368, aprovada pelo Conselho de Segurança no dia 12 de setembro de 2001, de certa forma respondeu à pergunta ao reconhecer, no caso, o direito imanente de legítima defesa individual ou coletiva evocado pelos Estados Unidos de acordo com artigo 51 e, da mesma forma, condenou “inequivocamente e em termos enérgicos os ataques de 11 de setembro de 2001”. A Resolução 1.368 dispôs ainda que todos os Estados deviam colaborar para submeter à justiça os autores, organizadores e patrocinadores dos mencionados ataques. Em 28 de setembro de 2001, o Conselho de Segurança aprovou a Resolução 1.373, cujo texto está consonante às Resoluções 1.368 e 1.269, esta última de 29 de outubro de 1999. Em apoio imediato aos Estados Unidos, e declarando expressamente o reconhecimento de que os ataques de 11 de setembro correspondiam ao tipo de ataque armado disposto no artigo 51 da Carta das Nações Unidas, as duas alianças militares intergovernamentais dos continentes europeu e americano, a Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN e o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca – TIAR, invocaram os artigos 5º e 3º das Cartas que as constituíram, e que, respectivamente, dispõem que um ataque armado por parte de qualquer Estado contra um membro dessas alianças militares regionais será considerado um ataque contra todos os Estados que as compõem.³³

Por outro lado, ao afirmar no discurso de 08 de outubro de 2001 que o ataque ao Afeganistão consubstanciava uma “meta justa”, contra “os inimigos da liberdade” ou seja, reparar uma agressão injusta e defender a liberdade não só dos norte-americanos mas, também, de todos os povos, o presidente norte-americano buscava justificar a *Guerra ao Terror*, desta feita, sob o prisma moral, recorrendo, de certa forma, à doutrina cristã de guerra justa (*bellum*

³² “Nada na presente Carta prejudicará o direito inerente de legítima defesa individual ou coletiva no caso de ocorrer um ataque armado contra um membro das Nações Unidas, até que o Conselho de Segurança tenha tomado as medidas necessárias para a manutenção da paz e da segurança internacionais. As medidas tomadas pelos membros no exercício desse direito de legítima defesa serão comunicadas imediatamente ao Conselho de Segurança e não deverão, de modo algum, atingir a autoridade e a responsabilidade que a presente Carta atribui ao Conselho para levar a efeito, em qualquer tempo, a ação que julgar necessária à manutenção ou ao restabelecimento da paz e da segurança internacionais”. *Carta das Nações Unidas*, artigo 51.

³³ VER, sobre o assunto, SHAW, Malcolm N. *Direito Internacional*. Tradução Marcelo Brandão Cipolla *et al.* São Paulo: Martins Fontes, 2010, p. 848-849, e também CASSESE, Antonio. *International Law*. New York: Oxford University Press, 2005, p. 473-474.

justum).³⁴ Em terra, a ofensiva foi desfechada pelas forças afegãs da Aliança do Norte, organização político-militar contrária ao talibã, em conjunto com tropas do 5º Grupo de Forças Especiais dos Estados Unidos – os chamados “Boinas Verdes”. A iniciativa militar dos Estados Unidos foi acompanhada por intensas ações de natureza diplomática e de inteligência, além de medidas para congelar ativos financeiros de grupos terroristas e de seus financiadores. As operações militares iniciais foram prontamente efetivas. Em 09 de novembro, portanto, um mês apenas após a invasão, as tropas aliadas tomaram a cidade de Mazar-i-Sharif, cuja localização no norte afegão é de grande importância estratégica, além de ser considerada sagrada pelos islâmicos, por guardar os restos mortais do Califa Ali,³⁵ primo e genro do Profeta. As tropas da Aliança do Norte, sob o comando de Abdul Rachid Dostum, um dos líderes da etnia usbeque e que foi vice-presidente do Afeganistão de 2014 a 2020, contando com forte apoio aéreo, e coadjuvadas por forças especiais dos Estados Unidos, os “Boinas Verdes”, quebraram a resistência talibã e ocuparam a cidade. Esta primeira vitória contra os talibãs foi de suma importância para o desenvolvimento dos primeiros tempos da guerra. A conquista de Mazar-i-Sharif permitiu aos aliados executar relevante ação humanitária no norte afegão por meio da distribuição de alimentos e, sob o ponto de vista estratégico, permitiu que as forças aliadas passassem a contar com o aeroporto da cidade. A partir daí, a ofensiva aliada avançou na direção da capital. Cabul foi conquistada em 13 de novembro de 2001. Talibãs e *jihadistas* da Al-Qaeda fugiram para Kunduz, cidade que foi tomada pelas forças aliadas em 26 de novembro. Os talibãs escaparam para o Paquistão, porém, parte deles buscou abrigo nas montanhas e nas regiões rurais afegãs. Ainda no final de novembro, os aliados conquistaram Kandahar, cidade na qual residia o mulá Omar (1960-2013), líder talibã e Chefe do Conselho Supremo do então Emirado Islâmico do Afeganistão. Em dezembro de 2001, ele deixou a cidade e, acompanhado por combatentes talibãs, refugiou-se nas montanhas situadas no noroeste da província de Uruzgã. Posteriormente, asilou-se no Paquistão, onde morreu de tuberculose em 2013.

A expulsão dos talibãs foi seguida pelo esforço para capturar Bin Laden, que, segundo os serviços de Inteligência da coalizão, estaria nas montanhas, mais precisamente no complexo de cavernas de Tora Bora. Comandos das Forças Especiais dos Estados Unidos e do Reino Unido, juntamente com paramilitares da CIA e tropas da resistência afegã antitalibã, travaram

³⁴ A doutrina cristã da guerra justa (*bellum justum*) foi inicialmente elaborada por Agostinho de Hipona, com base no pensamento de Cícero, posteriormente por Tomás de Aquino, e por juristas protestantes, como Hugo Grotius.

³⁵ O califa Ali, primo e genro do Profeta, é considerado pelos sunitas o quarto sucessor de Maomé. Para os xiitas ele seria o primeiro sucessor, por ter sido assim designado pelo próprio Maomé.

a chamada Batalha de Tora Bora, vencida pelos aliados. Na cobertura aérea ao ataque às cavernas, bem como em outras operações, a Força Aérea dos Estados Unidos utilizou aviões MC-130H, armados com bombas de fragmentação, que ao tocarem o solo se repartem em pequenas bombas, e se espalham por grande parte do terreno.³⁶ Foram também utilizadas bombas *Dayse Cutter – BLU-82/B*, que, naquela altura, era o artefato não nuclear mais potente do arsenal norte-americano, e que assim ficou até o aparecimento da nova bomba não nuclear mais poderosa do mundo, a MOAB GBU-43/B – *Massive Ordnance Air Blast*, também chamada “a mãe de todas as bombas”, desenvolvida pela indústria bélica dos Estados Unidos.³⁷ A MOAB foi lançada em 13 de abril de 2017, em apoio à operação que as forças aliadas executavam no complexo de cavernas existentes no distrito de *Achin*, província afegã de Nangarhar, região em que forças do Estado Islâmico estavam operando. Essas duas bombas foram criadas para destruir cavernas e subterrâneos, limpar terrenos minados ou densamente arborizados. Nessa fase inicial da guerra, foi estrategicamente importante para os Estados Unidos e seus aliados o estabelecimento das bases aéreas de Bagram, cidade situada ao norte de Cabul, e de Kandahar, situada no sul do País.

Osama Bin Laden não foi capturado em Tora Bora. Refugiou-se no Paquistão, na cidade de Abbottabad. Descoberto pelos serviços de inteligência dos Estados Unidos, e residindo em mansão situada a poucos mais de um quilômetro da Academia Militar do Paquistão, ele foi morto na ação dos comandos da *US Special Operations Command*, em conjunto com a CIA, na denominada *Operação Lança Netuno*, no dia 2 de maio de 2011.

Voltando a dezembro de 2001, com os talibãs fora do poder, as forças aliadas e as Nações Unidas dedicaram-se à reorganização político-institucional do Afeganistão. O Conselho de Segurança da ONU criou, no dia 20 de dezembro, a Força Internacional de Assistência e Segurança – *ISAF* para organizar e treinar a Força de Segurança Nacional do Afeganistão e, ainda em dezembro de 2001, em conferência realizada em Bonn, foi firmado o Acordo Provisório para o Restabelecimento das Instituições governamentais do Estado afegão. Nessa linha, foi criada a Autoridade Interina Afegã, cuja presidência foi entregue a Hamid Karzai, de etnia pachtun, professor e cientista político. Em 2002, foi convocada uma *loya jiga*, ou seja, assembleia composta por representantes dos 400 distritos afegãos, que legitimou Hamid Karzai

³⁶ As entidades internacionais de defesa dos direitos humanos, principalmente a ONG *Human Rights Watch*, apresentaram graves denúncias a respeito da utilização pelos americanos das bombas de fragmentação no Afeganistão, em razão das pequenas bombas espalhadas no solo terem sido responsáveis pela morte de civis.

³⁷ As bombas *Daisy Cutter* foram usadas somente até 2008.

como presidente da Administração Transitória do Afeganistão. Em 2004, entrou em vigor uma nova Constituição e foram convocadas eleições para a presidência da República Islâmica do Afeganistão, denominação que substituiu o Emirado Islâmico do Afeganistão, criado pelo Talibã. Em eleições realizadas em setembro de 2004, Hamid Karzai foi eleito presidente para o mandato a expirar em 2009, ano em que ele foi reeleito. O sucessor de Karzai, eleito em 2014, foi o antropólogo e economista Ashraf Ghani Ahmadzai, que fugiu do Afeganistão quando os talibãs, em 15 de agosto de 2001, entraram sem resistência em Cabul.

A derrocada do Talibã, em 2001, não representou, como se sabe, o fim do conflito. Estes, e seus aliados da Al-Qaeda, a partir da fronteira com o Paquistão, em 2002, iniciaram a organização da insurgência. Concentraram-se, de início, no Vale de Shah-i-Kot e na cordilheira de Arma, no sudeste afegão e, da mesma forma, em localidades rurais do País. O comando aliado organizou a *Operação Anaconda*, composta por paramilitares da CIA, tropas convencionais norte-americanas e forças afegãs antitalibã, num total de 2.700 homens, além de contar com forte apoio aéreo, para destruir as forças insurgentes. Entre 02 e 16 de março de 2002, foi travada a segunda grande batalha da guerra – a primeira foi em Tora Bora –, em que os aliados causaram grandes baixas às tropas do Talibã e da Al-Qaeda. Porém, desde então, os talibãs foram gradativamente recuperando suas bases, principalmente nas zonas rurais, intensificaram a insurgência, graças ao recrutamento de novos combatentes e o financiamento de suas operações pelo contrabando de drogas e de lápis-lazúli e, também, pela fraqueza, corrupção e incompetência do governo central afegão. Em 2003, a OTAN, assumiu o comando da Força Internacional de Assistência e Segurança – *ISAF*, com tropas de 42 países. Recorrendo à mesma tática usada pelos *mujahidins* contra os soviéticos, ou seja, ações de guerrilha, atentados, emboscadas, ataques suicidas e infiltração nos serviços de inteligência dos aliados, os talibãs se fortaleceram e foram, aos poucos, intensificando a insurgência, recuperando o domínio em várias localidades do País, principalmente nas zonas tribais fronteiriças ao Paquistão. Assim, conseguiram restabelecer suas cadeias de comando e, desde então, passaram a realizar ações contra os aliados por todo o território afegão. Apenas como exemplo, em 2007, já haviam recuperado de tal maneira a capacidade de luta, que, em 27 de fevereiro, ordenaram um ataque suicida contra a Base Aérea de Bagram, no momento em que lá se encontrava o então vice-presidente dos Estados Unidos, Dick Cheney, que escapou ileso. Quatorze pessoas foram mortas. Em 2009, o contingente da OTAN contava com 64.500 militares, entre os quais 29.950 eram norte-americanos, parte dos 90 mil homens que os Estados Unidos mantinham no

Afeganistão. Todo o esforço empreendido pelos Estados Unidos e seus aliados, apesar da superioridade de forças, de armas e de recursos militares de toda a espécie, tudo isso não foi suficiente para derrotar, de vez, os talibãs. Tal situação levou o então secretário de Defesa dos Estados Unidos, Robert Gates, a afirmar, em 2008, que a única forma de resolver definitivamente a guerra seria a concretização de um acordo de paz com o Talibã.

Nos limites deste trabalho, não há como detalhar todo o desenrolar da guerra. Contudo, é importante salientar que, em 2010, os Países Baixos retiraram suas tropas do Afeganistão. Foram os primeiros a sair. Nessa linha, preparando a retirada das forças da coalizão, em 2013, os Estados Unidos começaram a transferir a responsabilidade das operações de segurança interna, que estavam a cargo da OTAN, para as forças regulares e policiais do governo afegão, que seriam treinadas e receberiam apoio aéreo dos aliados. Em prosseguimento ao plano de retirada gradual das tropas, o presidente Barak Obama, em 28 de dezembro de 2014, declarou o fim das atividades da Força Internacional de Segurança, comandada pela OTAN. Os Estados Unidos permaneceram com um efetivo de 12.500 homens para auxiliar o Exército Nacional Afegão, a Polícia Nacional Afegã e as Milícias antitalibã no combate à insurgência, que prosseguiu avançando na conquista de posições e de controle de várias localidades do País. É oportuno lembrar que os talibãs, desde 2015, enfrentam sérios problemas no interior do movimento, causados por lutas das várias facções em que estão divididos e, principalmente, contra forças do denominado Estado Islâmico Kohrasan (EI-K ou ISIS-K), célula terrorista que se estruturou no Paquistão, composta por dissidentes do Talibã e de outras organizações terroristas. O Estado Islâmico Kohrasan tenta se firmar territorialmente na província afegã de Nangarhar e, a partir daí, vem realizando ataques terroristas no Afeganistão, como o executado no dia 26 de agosto de 2021, no aeroporto de Cabul, que provocou a morte de 180 civis e 13 militares dos Estados Unidos. A verdade é que, desde 2002, não houve interrupção da guerra, nem nos momentos de conversações de paz. A primeira tentativa de se negociar a paz ocorreu em 2010; porém, a morte do Mulá Omar, em Karachi, em abril de 2013, interrompeu o processo que estava sendo mediado pelas Nações Unidas. Em 2018, no Catar, as negociações de paz avançaram e chegaram ao acordo celebrado em 20 de fevereiro de 2020, entre o governo norte-americano, presidido Donald Trump, e o Talibã. Como citado anteriormente, o acordo determinou a retirada de todas as tropas estrangeiras do Afeganistão, obrigação a ser cumprida no prazo de 14 meses, medida que se completaria em maio de 2021. Entretanto, a data final acordada foi prorrogada pelo presidente Biden, para se completar totalmente até 11 de setembro

de 2021. Da mesma forma, o acordo obriga os talibãs a não permitirem a presença de membros da Al-Qaeda e de outros grupos terroristas no território afegão. Os Estados Unidos se comprometeram também em fechar suas cinco bases militares no País e suspender as sanções impostas ao Talibã. Vale acrescentar que a mais importante dessas bases, a principal instalação militar norte-americana no Afeganistão, a Base Aérea de Bagram, construção gigante que podia abrigar mais de cem mil militares, situada a 60 quilômetros de Cabul, foi entregue ao governo chefiado pelo então presidente, Ashraf Ghani, no dia 02 de julho de 2021, e totalmente abandonada pelos americanos quatro dias depois. Os números da guerra são altíssimos. Nos 20 anos de conflito 2.442 soldados norte-americanos foram mortos e 20.666 restaram feridos, além dos 3.938 contratados de empresas de segurança privada que perderam a vida. Foram mortas 444 pessoas que trabalhavam nos programas humanitários. O então Exército Nacional Afegão teve 66 mil mortos. As forças aliadas aos Estados Unidos perderam 1.144 militares de 40 países. Mais de 100 mil civis morreram, 2,7 milhões de afegãos saíram do País, para o Paquistão e a Europa, 4 milhões estão deslocados no território afegão. Setenta e sete jornalistas perderam a vida durante o conflito. A guerra custou aos Estados Unidos 2,2 trilhões de dólares. Estes números indicam a grande crise humanitária que já se instalou no País.

No discurso dirigido à Nação no dia 20 de setembro de 2001, o presidente George Bush afirmou o seguinte: “Nossa guerra contra o terror começa com a Al-Qaeda, mas não é lá que ela termina. Ela não vai acabar até que cada grupo terrorista de alcance global tenha sido encontrado, parado e derrotado”. No correr da guerra contra o terror, compreendendo o conflito do Golfo, a guerra no Afeganistão, bem como ações contra terroristas executadas em outros lugares, até abril de 2021, mais de 800 mil pessoas – militares, civis e terroristas – perderam a vida. Tal esforço custou, até a data acima apontada, 6,4 trilhões de dólares, equivalentes a cerca de 36,2 trilhões de reais. Um terço destes valores foi gasto no Afeganistão.³⁸

5 PALAVRAS FINAIS

Desde 2002, quando os talibãs iniciaram a insurgência, jamais abandonaram a luta contra a coalizão comandada pelos norte-americanos, em conjunto com a OTAN, e com as forças antitalibãs da Aliança do Norte e o Exército Nacional afegão. Os Estados Unidos, como

³⁸ *Americanos saem do Afeganistão de olho na China*. Folha de São Paulo, caderno MUNDO, p. A16, edição de 15 de abril de 2021.

todos os impérios que invadiram o Afeganistão ao longo da história, fracassaram integralmente. Semelhante ao que lhes acontecera no Vietnã, gastaram bilhões de dólares para formar uma força nacional pretensamente capaz de defender e estabilizar o País, após a retirada final de suas tropas. Os norte-americanos gastaram cerca de 83 bilhões de dólares para treinar e equipar o Exército e as Forças de Segurança do Afeganistão, que contavam com um efetivo de cerca de 350 mil soldados e policiais. Segundo a mídia internacional, corrupção em todos os escalões do governo e da tropa, falta de motivação ideológica para lutar contra o fundamentalismo talibã, lealdade tribal e não ao Estado, além do ódio ao estrangeiro invasor, entre outros fatores, concorreram para a derrocada das Forças Armadas do Estado afegão e a consequente e rápida dissolução do governo do então presidente Ashrat Ghani. A vitória militar e política do Talibã, que em ofensiva de pouco mais de uma semana assumiu o controle do País, surpreendeu o governo norte-americano e o mundo. A retirada final, mal planejada, verdadeiramente trágica das tropas americanas e dos afegãos que colaboraram com a coalizão invasora, assim como acontecera na saída do Vietnã, ingressou na história político-militar dos Estados Unidos como um dos seus maiores fracassos. O Talibã venceu e humilhou a superpotência.

O Talibã está de volta ao poder, a Al-Qaeda não foi definitivamente derrotada, embora se apresente hoje sem a força dos tempos em que era comandada por Osama Bin Laden. Além disso, completando o fracasso americano, o Estado Islâmico, como já mencionado, se faz presente no território afegão. Por outro lado, as instituições democráticas criadas pela Constituição de 2004, foram extintas. O futuro do Afeganistão, a paz para acabar com décadas de guerra civil, invasões estrangeiras, terrorismo, corrupção, mortes e muito sofrimento de um povo que, ao longo da história, jamais deixou de resistir, depende da exclusiva vontade política do Talibã. Com a retirada completa das tropas norte-americanas que ocupavam o Afeganistão, em 31 de agosto de 2021, Rússia e China, certamente, iniciarão um novo jogo político-diplomático na Ásia Central, embora o governo americano continue afirmando que a região é parte importante de sua estratégia política global. Portanto, ao que tudo indica, o Afeganistão estará na centralidade de um novo “grande jogo” na Ásia Central, que certamente incluirá, além do Paquistão, Rússia, China, Arábia Saudita e Turquia.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- CARRANCA, Adriana. *O Afeganistão depois do Talibã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- CASSESE, Antonio. *International Law*. New York: Oxford University Press, 2005.
- FRANKOPAN, Peter, em *As Novas Rotas da Seda*, tradução de Frederico Pedreira. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2019.
- FRANKOPAN, Peter. *O Coração do Mundo – Uma nova história universal a partir da Rota da Seda: o encontro do Oriente com o Ocidente*. São Paulo: Planeta, 2019.
- LEWIS, Bernard. *A Crise do Islã – Guerra Santa e Terror Profano*. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2004.
- NYE, JR, Joseph S. *Compreender os Conflitos Internacionais - Uma Introdução à Teoria e à História*. Tradução de Tiago Araújo. Lisboa: Gradiva, 2002
- SHAW, Malcolm N. *Direito Internacional*. Tradução Marcelo Brandão Cipolla *et al.* São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- TALBOTT, Strobe e CHANDA, Nayan. *A Era do Terror – O Mundo depois de 11 de Setembro* - organizadores. Tradução de Cristiana Serra. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- Os seguintes sites foram consultados para a redação do presente texto.
- Homeland Security Digital Library (hsdl.org)
- United States Institute of Peace www.usip.org
- <https://www.usip.org/sites/default/files/SR314.pdf>
- <https://www.usip.org/sites/default/files/SR314.pdf><https://www.vox.com/world/22634008/us-troops-afghanistan-cold-war-bush-bin-laden>
- <https://www.britannica.com/biography/Ahmad-Shah-Durrani>
- <https://www.britannica.com/biography/Dost-Mohammad-Khan>
- <https://www.britannica.com/biography/Habibullah-Khan>
- A Historical Timeline of Afghanistan | PBS NewsHour
- <https://www.britannica.com/biography/Mohammad-Nader-Khan>
- <https://www.britannica.com/biography/Mohammad-Daud-Khan>
- <https://www.dw.com/pt-br/talib%C3%A3-diz-ter-tomado-%C3%BAltimo-foco-de-resist%C3%A2ncia-no-afeganist%C3%A3o/a-59096024>
- Foram também consultados os seguintes jornais, em edições de 2021: *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *El País*, *The New York Times*, *Le Monde* e *The Guardian*.